

CIDADE INSTANTÂNEA

NA PASSAGEM DO DIA INTERNACIONAL DA FOTOGRAFIA, 19 DE AGOSTO, DOIS OLHARES SOBRE A IMAGEM DE BRASÍLIA, A CAPITAL CRIADA SOB SIGNOS DIVERSOS



VISTA DO SETOR BANCÁRIO POR ROBERT POLIDORI. A FOTO INTEGRA A MOSTRA *BRASÍLIA: DE 0 A 40 ANOS*

Marcelo Feijó
Especial para o *Correio*

O que a fotografia pode reter da cidade? Até que ponto é possível representar, interpretar, documentar e/ou recriar uma cidade a partir da fotografia? Quais idéias e ideais estão refletidos nas paisagens urbanas produzidas pelos fotógrafos? Estas questões me assolaram logo que fui solicitado para escrever esta reflexão sobre como Brasília foi retratada pelos fotógrafos ao longo de sua história.

O primeiro aspecto a ser levantado é o vínculo primordial de Brasília com a fotografia: a cidade nasceu para ser fotografada. É impossível pensar em Brasília sem pensar nas imagens que dela foram feitas. O olhar sobre a cidade está sobreposto a todos os cartões-postais sobre ela produzidos. É impossível um olhar estrangeiro puro: a paisagem está sobreposta a todas as imagens que se fizeram dela. A cidade, nascida do gesto de traçar uma cruz no chão, teve fotógrafos registrando sua construção, bem como seus 40 anos de vida. Desde o primeiro momento tudo precisava ser documentado para que o Brasil e o mundo tomassem conhecimento da epopéia da construção da nova capital, a cidade já nascida paradoxal, com a missão de descentralizar o Brasil transferindo o núcleo principal do poder para o centro do país.

Assim aconteceu: desde a primeira vinda de Juscelino Kubitschek ao local onde seria a futura capital, também vieram os fotógrafos, oficiais e da grande imprensa. Uma parte do material produzido nos anos que antecederam a inauguração, bem como na data de inauguração e nos primeiros anos está no Arquivo Público do Distrito Federal. Fotógrafos importantes testemunharam este período, entre eles Mario Fontenelli, Thomas Farkas, Sergio Jorge, Jean Manzon, Michel Gautherot, e tantos outros. Eram tempos de entusiasmo e idealismo e as imagens refletem este estado de espírito. Da poeira emergem os caminhões repletos de candangos e dos seus braços surgem os novos palácios que viriam a representar um salto modernizante do país rumo a um futuro ao qual estávamos predestinados, todos abençoados pela determinação de Juscelino e pela genialidade de Oscar Niemeyer e Lucio Costa. Nas imagens predominam os espaços vazios, a poeira e a reafirmação do caráter monumental que a cidade deveria ter.

Encontramos aqui a fotografia desempenhando sua função de retentora da memória, de vestígio sobre algo que não é mais presente, mas, paradoxalmente, é concreto: a imagem cristalizada no suporte. A fotografia dá terreno firme aos devaneios. Permite a (re)construção do passado. Outra cidade se fez sobre os ideais dos primeiros anos, mas parece que algo ainda é possível recuperar quando nos deixamos mergulhar nestas imagens. As fotografias dos anos 50 e 60 parecem nos desafiar hoje a reatar o fio com a

realidade sonhada, por mais distante que ela tenha estado sempre da realidade vivida. Estas fotografias nos garantem a dose necessária de ilusão, paradoxalmente, graças a sua estreita relação com a realidade física. Um fio muito tênue separa a imagem fotográfica do objeto, no caso a cidade, por ela representada. Sabemos, por meio das imagens, que outra realidade existiu e dela precisamos para recriar o presente. Os fotógrafos dos primeiros anos nos garantiram a memória da cidade pensada para o futuro.

Esta memória hoje nos é fundamental, principalmente levando-se em conta os anos de chumbo que sucederam a utopia não realizada. Da segunda metade dos anos 60, principalmente após a edição do AI-5 em 1968, até a redemocratização nos anos 80, Brasília foi a capital de um governo de exceção, na companhia de praticamente todos os países latino-americanos. É natural, portanto, que os registros fotográficos deste período reflitam esta situação. Nas imagens são mais constantes capacetes e botas militares circundando os palácios e praças que as linhas modernistas da cidade. Os fotógrafos desta época registraram uma cidade sombria, de amplos espaços abertos mas vedados às manifestações populares pela força do regime. Mas é justamente nesta época que surge um movimento renovador no fotojornalismo a partir das revistas semanais, com a participação destacada de Luis Humberto, e das agências independentes de fotojornalismo, como a Agência Imprensa Livre (Ágil). Este fotojornalismo tinha por propósito, aproveitando-se da ignorância dos censores sobre a utilização das imagens, desmontar o circo do poder em imagens que revelassem a falibilidade e a fragilidade dos representantes da ditadura, por mais que eles se apresentassem como figuras ativas e intocáveis. Tornou-se clássica a fotografia de Luis Humberto, feita no Palácio do Planalto em 1979, que mostra uma fila de palacianos cumprimentando o presidente Figueiredo. Todas as cabeças foram decapitadas pelo recorte do quadro, revelando pelo enquadramento insólito uma caricatura à subserviência ao poder.

O ORDINÁRIO

Paralelamente às venturas e desventuras do poder, outros trabalhos surgem sobre a cidade, representando seu cotidiano e seus modos particulares de vida. Trata-se de fotografia que vai ao encontro dos momentos banais e não espetaculares da cidade. Uma fotografia liberta do extraordinário, dela tantas vezes exigido. Várias exposições promovidas pela União dos Fotógrafos de Brasília garantiram a veiculação local destas imagens, embora o restante do Brasil nunca tenha tido acesso a esta cidade subterrânea, cuja história precisa ser recontada. Uma nova memó-

ria precisa se constituir sobre esta época também de saudáveis radicalismos, concertos Cabeça, teatro e poesia marginal. Um trabalho significativo sobre esta época, de autoria do fotógrafo Juvenal Pereira, foi apresentado em 1997 na galeria da 508 Sul. Ele apresenta uma cidade com vida própria, cidade em movimento, se construindo paralela à cidade destinada a ser a sede do poder político e símbolo da nação.

As diretas-já e a redemocratização apresentaram uma nova Brasília ao resto do Brasil, com uma população ansiosa por participação política subindo na cúpula do Senado e ocupando a Praça dos Três Poderes. Uma pequena lua-de-mel do Brasil com sua capital foi possível antes que os descaminhos da nossa democracia levassem o país a associar sua capital à corrupção, a comprovação de que a imagem que o país tem de Brasília está relacionada à visão que o país tem da sua classe política. Mas Brasília continua a cumprir seu destino: ser fotografada. Estrangeiros, viajantes e brasileiros apontam suas objetivas para os contrastes da capital federal. Uma cidade a cada dia mais complexa emerge nestas imagens. O grupo de fotógrafos Ladrões de Almas, formado por brasileiros dos quatro cantos do país, desde 1988 vem revisitando a cidade, refazendo as próprias trilhas num jogo em que o ponto de partida não são os monumentos da cidade, mas seus cantos, suas passagens, suas fronteiras, seus labirintos.

Hoje, novos e antigos fotógrafos reconstróem o discurso fotográfico sobre Brasília. A cidade, antes pacata, transforma-se numa metrópole muito particular, às vezes cidade-parque, com árvores e espaços abertos, às vezes cidade-prisão, com fronteiras e territórios divididos, que não parecem pertencer a ninguém. A cidade extrapolou seus limites e transforma-se num conglomerado de difícil administração. O centro ainda pode ser preservado, mas faz convergir uma periferia cada vez mais ocupada por excluídos sem perspectiva num panorama econômico excludente por princípio. Esta nova realidade desafia os fotógrafos em tempos de novas tecnologias.

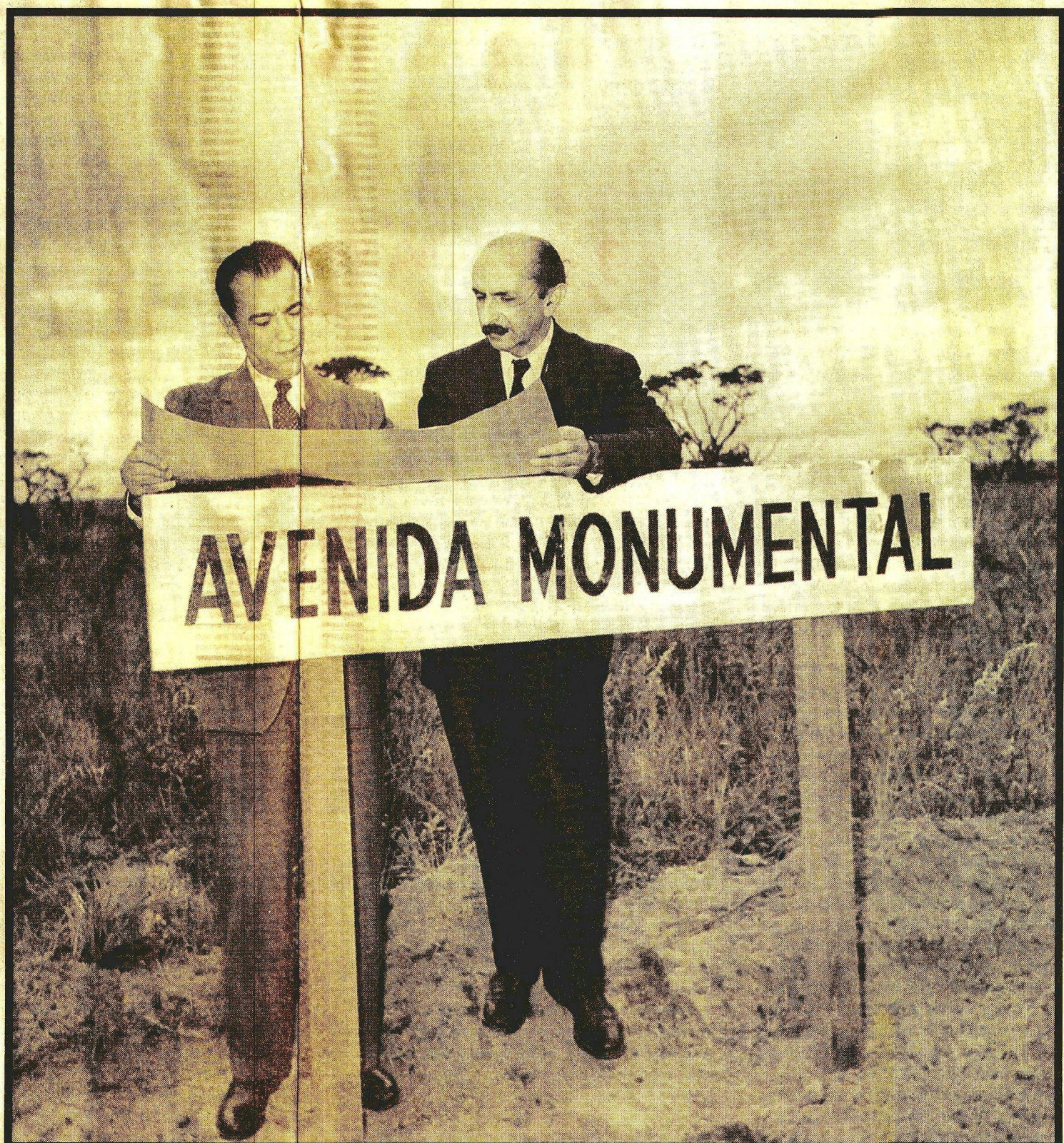
A cidade continua a cumprir a missão de encantar e intrigar o mundo. Ano passado, uma mostra sobre Brasília e a obra de Lucio Costa foi apresentada no Museu de Arte Contemporânea de Barcelona. Outra mostra foi patrocinada pela galeria nova-iorquina Robert Miller Gallery, intitulada *Brasília: de 0 a 40 anos*, e no momento circula por vários países da Europa.

Talvez hoje, mais do que nunca, precisemos da fotografia para entender Brasília, para reconstruir nosso sonho de cidade, provar que este sonho existiu, e construir uma nova realidade, uma nova possibilidade. A cidade renova o desafio aos fotógrafos.

MARCELO FEIJÓ É FOTÓGRAFO E PROFESSOR DA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.



BRASÍLIA — VIA N2. FOTO DE MARCELO FEIJÓ



JUSCELINO KUBITSCHKE E LUCIO COSTA, EM 1957. FOTO DE JEAN MANZON